

A PERSISTÊNCIA DAS FORMAS URBANAS

Construção de uma hipótese para a forma urbana da cidade de Coimbra até à Idade Média

Pedro Martins

Universidade Técnica de Lisboa, Bolseiro de Investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Orientador: Professor Doutor Carlos Dias Coelho, FA. Universidade de Lisboa

Mail: pedro.vasco.martins@gmail.com

RESUMO

A cidade é constituída por uma multiplicidade de elementos urbanos, criados e sucessivamente reinterpretados em diferentes épocas. Estes elementos sobrepõem-se uns aos outros no espaço e no tempo, em continuidade ou em ruptura, originando um complexo processo evolutivo que condiciona a forma da cidade, preservando através da sedimentação urbana, as marcas e os vestígios de estruturas passadas até à actualidade. Pressupondo a construção urbana no tempo longo como um acto contínuo de produção de tecido sobre pré-existências, é assim possível conhecer a evolução morfológica da cidade a partir da leitura dos vários vestígios preservados no tecido urbano.

Assim, o artigo visa descrever de que modo, através de uma metodologia que compreende a articulação de diferentes tipos de fontes, é possível gradualmente reconstruir a evolução morfológica da cidade, percebendo e evidenciando o valor de elementos urbanos pré-existent, através da sua utilização contínua, na produção da forma urbana, utilizando-se como exemplos o Cardo Máximo e a Mesquita de Coimbra

Palavras-chave: Morfologia Urbana; Coimbra; Cardo Máximo; Mesquita

ABSTRACT

The city consists of a multiplicity of urban elements, created and subsequently reinterpreted at different times. These elements overlap each other in space and time, in continuity or rupture, creating a complex evolutionary process that determines the shape of the city, preserving through processes of urban sedimentation, the marks and the remains of past structures up to the present. Assuming the urban construction in long time as a continuous act of fabric production over pre-existing structures, it is thus possible to know the morphological evolution of the city by reading the various remains preserved in the urban fabric.

Thus this paper aims to describe how, through a methodology that includes the articulation of different types of sources, it is possible to gradually reconstruct the morphological evolution of the city, realizing and demonstrating the value of pre-existing urban elements, through their continuous use in the production of the urban form, using as examples the Cardus Maximus and the Mosque of Coimbra.

Key words: Urban Morphology; Coimbra; Cardus Maximus; Mosque

1 INTRODUÇÃO

A cidade, resulta de um constante processo de sobreposição de elementos, em permanente transformação, sendo um objecto ao qual o conceito de “momento acabado” será sempre estranho (Dias Coelho, 2002). As estruturas urbanas, obsoletas, desgastadas ou simplesmente anacrónicas são gradualmente substituídas, seja pela acção destrutiva da implantação de novas estruturas seja pela acção regeneradora da adaptação a outras formas e outros usos. A cidade enquanto universo mutável cede as formas antigas às novas, reinventando-se através da constante sobreposição, substituição ou re-composição das suas pré-existências. Em cada momento da sua história a cidade é única e irrepetível.

No entanto enquanto algumas estruturas são vulneráveis à transformação diária, outras como o traçado ou cadastro, são tendencialmente mais resistentes, mantendo-se ao longo do tempo. Estas estruturas, salvo grandes eventos de reestruturação urbana, tendem a preservar a sua forma ou parte dela durante o processo evolutivo, podendo ser sucessivamente reapropriadas e reutilizadas em diversos tempos e por distintas culturas, sem que deixem de manter a “memória” da sua forma durante o lento processo de sedimentação urbana.

Deste modo a investigação visa, compreender de que modo as pré-existências urbanas contribuíram e ou condicionaram a forma actual das cidades portuguesas, quais foram suas qualidades compositivas e espaciais que permaneceram como elemento de suporte, como terão evoluído e se transformarão, permitindo a sua reutilização e adaptação sucessiva ao longo das várias culturas urbanas, em que a permanência morfológica auxiliou a estruturação e a construção dos tecidos urbanos até ao presente.

Propõe-se como exemplos no presente artigo o estudo do Cardo Máximo e da Mesquita de Coimbra, procurando-se através dos mesmos demonstrar como a metodologia proposta permite expandir o conhecimento de estruturas já documentadas (como o Cardo Máximo) ou contribuir para a construção de novas hipóteses para estruturas que até ao momento permanecem por identificar (tal como a Mesquita). Descreve-se assim como gradualmente recuperar e interpretar diferentes elementos de distintas fases da forma da cidade, contribuindo para o entendimento da mesma bem como para os seus processos evolutivos.

2 METODOLOGIA

A realização de uma análise abrangente da evolução de uma cidade requer o estudo da forma urbana desde o seu passado remoto até à actualidade. Com este propósito diversos autores de várias disciplinas procuraram compreender a cidade em épocas passadas, no entanto uma vez que nunca se dispõe da informação completa, o estudo da evolução da forma da cidade torna-se, em regra, cada vez mais fragmentário quanto mais recuado for o período de análise. Coloca-se assim a questão de como interpretar e estudar a transformação da forma urbana em períodos remotos, nos quais a informação disponível é particularmente escassa.

Por outro lado os progressos recentes de disciplinas como a Arquitectura, a História ou a Arqueologia com um constante acréscimo de informação sobre diversas cidades ou edifícios, permitem a construção de quadros tipológicos cada vez mais completos. Assim, é possível analisar estruturas com relativamente pouca informação através do seu enquadramento tipológico, e a partir do mesmo construir leituras que trespasssem a natureza limitada da informação disponível possibilitando através da tipologia a construção de hipóteses sobre a sua forma e estrutura global.

Reconhecendo a capacidade do tecido urbano em preservar os vestígios de formas passadas, o seu estudo pode ser adoptado como uma fonte imprescindível para o conhecimento da evolução da forma da cidade, complementar às outras disciplinas. É assim possível a partir das leituras realizadas pela história ou arqueologia, procurar os vestígios de estruturas passadas preservados na forma do tecido urbano contemporâneo, e gradualmente interpretar e recuperar as formas do passado tornando-as acessíveis.

Assim a metodologia materializa-se fundamentalmente através da articulação de dois estágios de leitura:

O primeiro estágio compreende a **documentação** e contextualização do objecto através de **fontes históricas** (gráficas ou documentais) assim como através de **estudos monográficos** (arqueologia, arquitectura, história) detalhando o estado do conhecimento actual.

O segundo estágio prevê a **análise** da informação obtida na primeira fase de documentação, através do **Enquadramento Tipo Morfológico**, com estruturas semelhantes de outros contextos, assim como através da **Análise do Tecido Urbano**, procurando alinhamentos, orientações ou formas notáveis nos distintos elementos urbanos (ruas, quarteirões, cadastros...) indicativos da preservação de estruturas passadas.

3 EXEMPLOS DA APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

3.1 O Cardo Romano de Coimbra

Coimbra, *Aeminium* romana, terá tido a sua origem num antigo castro da idade do ferro situado no topo da colina, cuja conquista ocorreu por volta de 138 a.C. (Rossa, 2001: 50). Promovida a sede de civitas no tempo de Augusto (Carvalho, 2010: 70), esta cidade seria um ponto importante na via romana que ligava *Olisipo* a *Bracara* dominando a ponte sobre o Mondego. A presença romana teve um importante impacto na cidade, iniciando-se neste período um profundo processo de renovação e construção de edifícios públicos descrito por vários autores.

A sua forma durante a época romana é de difícil compreensão dada a topografia acidentada e as transformações que a cidade sofreu nos séculos seguintes. No entanto, observando o tecido actual, é possível deduzir a existência de um conjunto de arruamentos adaptados à topografia na área a poente, correspondendo à zona mais declivosa, enquanto a nascente, no planalto, os alinhamentos rectilíneos das ruas sugerem uma estrutura organizada segundo uma malha ortogonal regular.

De entre os edifícios públicos que existiriam apenas alguns se conhecem, tais como a ponte, o aqueduto ou o criptopórtico que teria suportado parte do fórum romano (Carvalho, 1998), existindo ainda referências a um arco monumental entretanto desaparecido e conjecturando-se a existência de um teatro, com base na forma semicircular do quarteirão que define a Rua das Flores (Mantas, 1992: 508).

3.1.1 Fontes Históricas

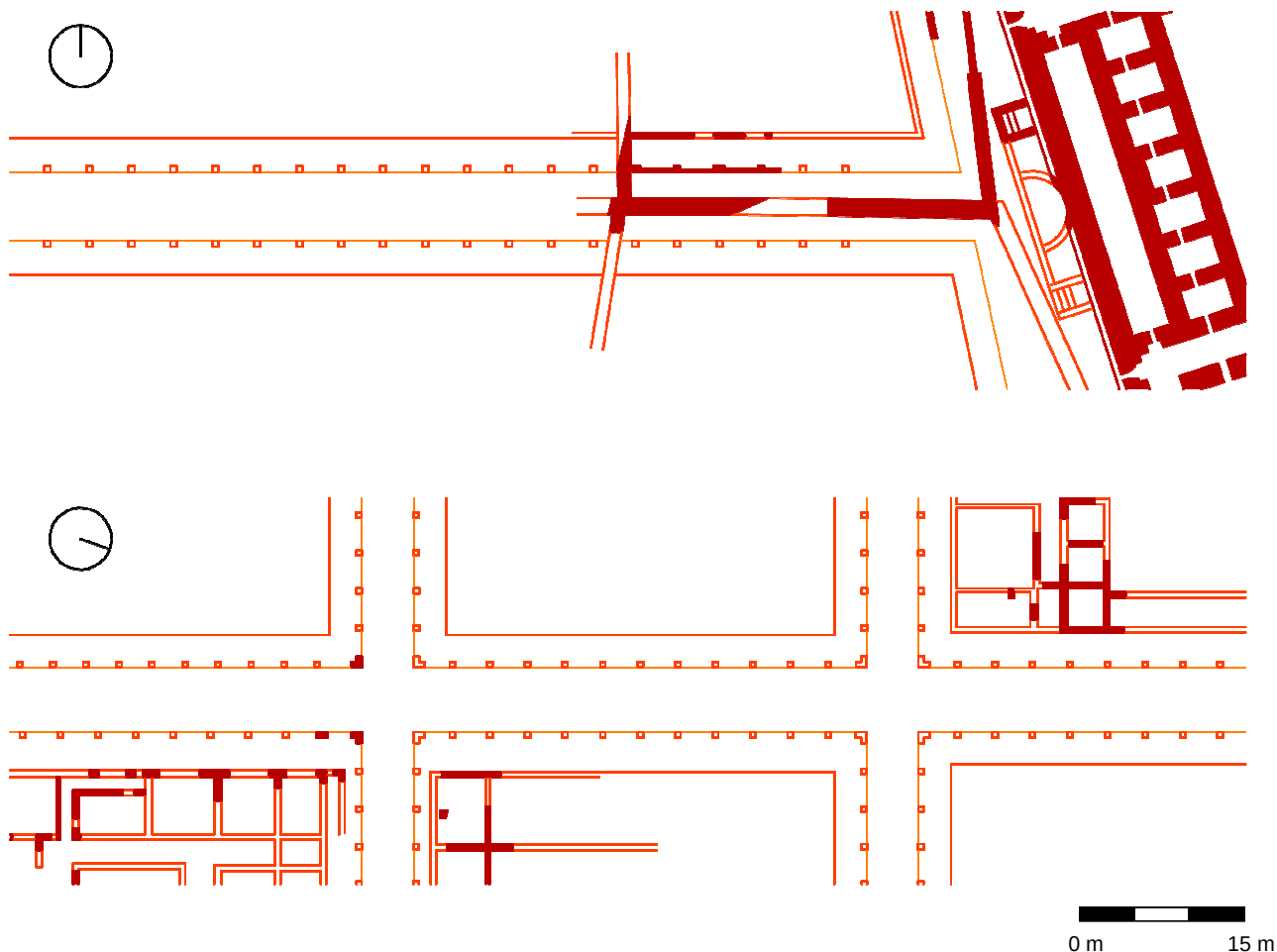
A documentação contemporânea do período romano em Coimbra é escassa, partindo principalmente do estudo dos vestígios sobreviventes, como o criptopórtico ou de descrições de outras épocas referindo monumentos entretanto desaparecidos tais como o aqueduto (Rossa, 2001:61-64), ou o arco monumental junto à porta de Belcouce (Alarcão, 2008: 37-41).

3.1.2 Estudos Monográficos

As escavações arqueológicas realizadas entre 1998 e 2007 no criptopórtico romano e em redor do mesmo permitiram a identificação do Fórum assim como de um conjunto de outras estruturas na sua envolvente, entre as quais os vestígios do Cardo Máximo (Carvalho, 2010).

Na área escavada, o Cardo é composto por uma grande Cloaca com 1.5 metros de secção, que corre para ocidente, descendo provavelmente até à baixa onde desembocará no Mondego. A 2,3 metros do limite da Cloaca foi descoberto um pequeno muro intercalado aproximadamente a cada 3,8 metros com o embasamento de pilares que fariam o suporte de um pórtico. Este teria aproximadamente 2,5 metros de profundidade até um segundo muro já pertencente aos edifícios que ladeariam a rua. (Carvalho, 2010: 71-83).

3.1.3 Enquadramento Tipo-Morfológico



1 – Comparação entre o Cardo Máximo de Coimbra (em cima) e o Decumano Máximo de Braga (em baixo)

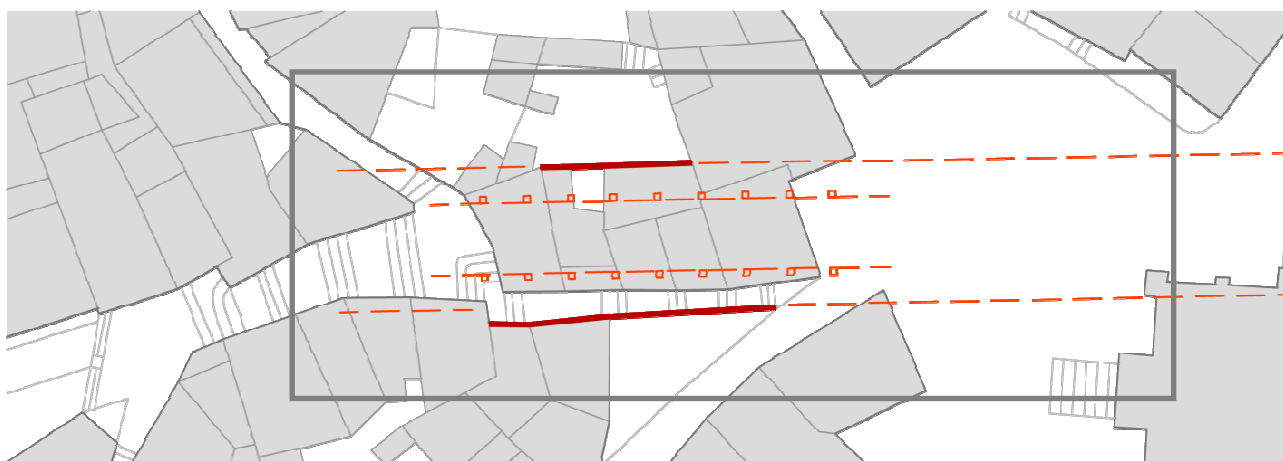
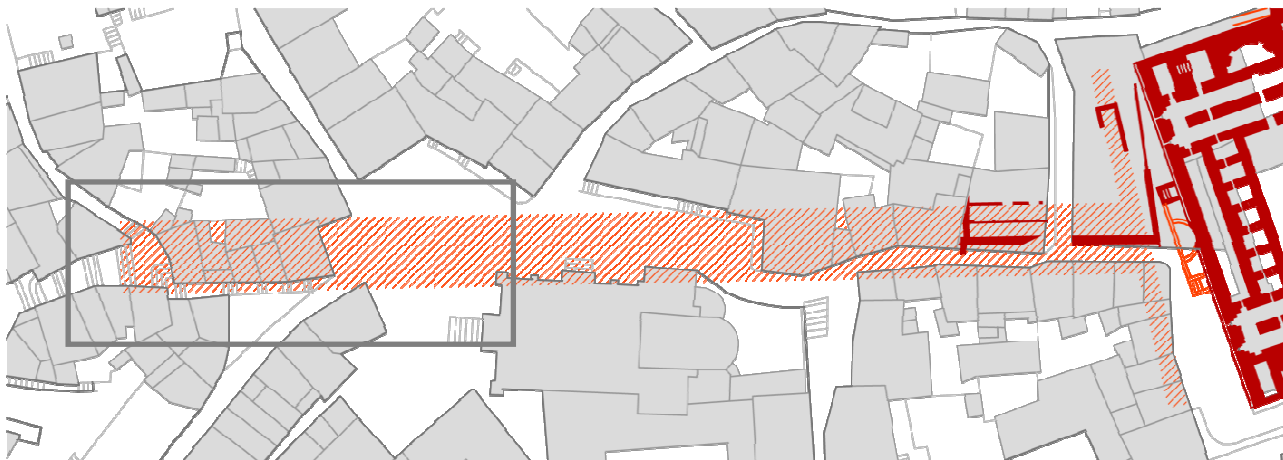
Elaboração com base em dados de Pedro Carvalho (Carvalho, 2010), Maria do Carmo Ribeiro (Ribeiro, 2008) e Maria Manuela Martins (Martins, 2009)

As grandes vias monumentais rodeadas por pórticos são elementos característicos de várias cidades romanas, existindo inúmeros exemplos diferentes. De entre os vários exemplos comparados destaca-se pela proximidade geográfica assim como pela semelhança nas dimensões o caso de Braga.

Apesar de não serem conhecidos vestígios pertencentes ao Cardo Máximo de Braga, o estudo do plano urbano da cidade na época romana permitiu a reconstrução da sua malha conceptual. Esta seria em xadrez, com uma malha definida pela distância entre eixos de ruas de 150 pés (Ribeiro 2008: 243), e com uma largura média nas mesmas de entre 10 a 12 pés, excluindo o Cardo e Decumanus Maximus que teriam dimensões idênticas, superiores as 25 pés (Martins, 2009). As ruas seriam ladeadas por um sistema de pórticos, com medidas compreendidas entre 10 a 15 pés de largura (Ribeiro 2008: 248-249).

A comparação com o Cardo Máximo de Braga evidencia em primeiro lugar uma semelhante disposição urbana, articulando-se ambos os casos com o Fórum da cidade através de um cruzamento em T, perpendicular à basílica. Relativamente à forma da via, dado que o Cardo e o Decumano Máximo eram provavelmente idênticos, podemos verificar, comparando o Cardo Máximo de Coimbra com o Decumano Máximo de Braga, que ambas as vias teriam aproximadamente as mesmas dimensões, com dois passeios porticados de cerca de 3 metros de largura e no centro 6 metros de via. Assim, apesar da diferença significativa existente entre a estrutura ortogonal de Braga e a estrutura menos modelar de Coimbra, ambas as vias poderiam ter sido extremamente semelhantes, quer no que respeita à sua configuração, quer na sua disposição urbana.

3.1.4 Análise do Tecido Urbano



2 – Em cima, tecido urbano a poente dos vestígios escavados do Cardo Máximo de Coimbra. Em baixo, detalhe do tecido urbano de Coimbra na zona da Rua do Quebra Costas exibindo os mesmos alinhamentos do Cardo.

A partir da análise dos vestígios arqueológicos escavados junto do criptóportico é possível imaginar o aspecto provável do Cardo Máximo da cidade como uma grande via monumental rodeada por pórticos, que subiria a colina em direcção ao Fórum romano, alinhando-se com um provável ninfeu na fachada do mesmo.

Podemos assim, a partir dos fragmentos escavados reconstruir a secção original do Cardo. Considerando a cloaca como o seu eixo central, podemos deduzir que o mesmo teria aproximadamente 6,25 metros de secção, à qual se somariam mais 3 metros em cada pórtico lateral, totalizando cerca de 12.5 metros de secção global.

Expandindo a secção reconstruída para poente, é possível verificar que na zona da Rua do Quebra Costas a estrutura urbana obedece aos alinhamentos que delimitam o Cardo, estando as escadas situadas sobre o que seria a zona de passeio sul, enquanto os edifícios preenchem todo o espaço de circulação norte. Dado o acentuado declive existente neste espaço, o Cardo Máximo estaria provavelmente implantado entre dois muros de suporte que, dada a sua imponente estrutura, terão sido preservados no tecido urbano subsequente, mantendo-se os seus vestígios até à actualidade.

3.2 A Mesquita de Coimbra

A invasão muçulmana dá-se em 711, progredindo no território da antiga Hispânia de um modo rápido, de cidade em cidade em direcção ao norte, com pouca ou nenhuma resistência. No entanto, forças cristãs conseguiriam manter e recuperar em grande medida o controlo do território a norte do Douro até ao final do século, avançando desde então progressivamente para sul.

A cidade de Coimbra ocuparia assim durante vários séculos uma posição de fronteira entre as duas culturas opostas, sendo também um dos maiores centros urbanos do ocidente peninsular.

Esta posição tornou-a uma peça estratégica para os diversos exércitos, tendo sido conquistada por Afonso III das Astúrias e Leão em 878, novamente perdida para o Califado de Al-Mansur em 987, e finalmente reconquistada em definitivo por Fernando Magno em 1064, sendo ainda posteriormente alvo de vários assédios dos exércitos Almorávidas em 1116 e 1117 (Rossa, 2001).

Dado o seu relevo no quadro do ocidente peninsular e o longo período dentro da esfera do mundo islâmico, do qual são conhecidos vários vestígios importantes, podemos supor que uma cidade como Coimbra teria certamente tido uma grande mesquita. No entanto, não é conhecido qualquer dado que aponte a sua localização, permanecendo esta um complexo problema na história da cidade, para o qual ainda não existe nenhuma resposta segura (Alarcão 2008: 73).

3.2.1 Estudos Monográficos

As escavações dirigidas pela arqueóloga Helena Catarino permitiram confirmar a existência de um grande Alcácer com uma estrutura quadrangular rodeado de várias torres semicirculares nas suas faces. Este edifício tem ainda uma cronologia pouco clara, no entanto é provável que pertença ao primeiro período de domínio islâmico da cidade, entre a segunda metade do século VIII e a primeira do século IX, sendo uma peça fundamental para confirmar a importância da cidade neste período. (Pimentel, 2003)

Walter Rossa, com base na análise da morfologia do tecido urbano anterior às intervenções do Estado Novo, considera a possibilidade de, para além do Alcácer, existir um segundo perímetro defensivo no interior da Medina, que possa ter configurado uma Alcáçova. Em relação à mesquita da cidade, Rossa destaca a estranha ausência de dados sobre este edifício, colocando a hipótese de esta ter existido no local da Sé Velha, cuja invocação a Santa Maria, é comum noutras igrejas construídas sobre mesquitas (Rossa, 2001: 176-181).

3.2.2 Fontes Históricas

A documentação coeva do período islâmico é escassa, sendo todas as descrições conhecidas posteriores à reconquista de Coimbra, porém várias descrições, de autores cristãos e muçulmanos, referem a mesquita da cidade e a sua transformação em igreja após a reconquista da cidade:

“...é uma cidade antiga, uma das capitais do al-Andalus; nela existia uma mesquita aljama que foi transformada pelos cristãos quando conquistaram a cidade; actualmente é a capital de al-Rinkal-Runi (D. Afonso Henriques).”

Descrição árabe anónima, séc. XII (Alarcão 2008: 102-103).

El rei dō Fernando, depois que entrou em a cidade de Coymbra como já dissemos fez Rodrigo de Vivar cavalleiro ena mizquita mayor e esta maneira: cingilhe a espada e deulhe paz enna boca e nō lhe deu rostrada.”

Crónica Geral de Espanha de 1344 (Alarcão 2008: 102).

3.2.3 Análise do Tecido Urbano

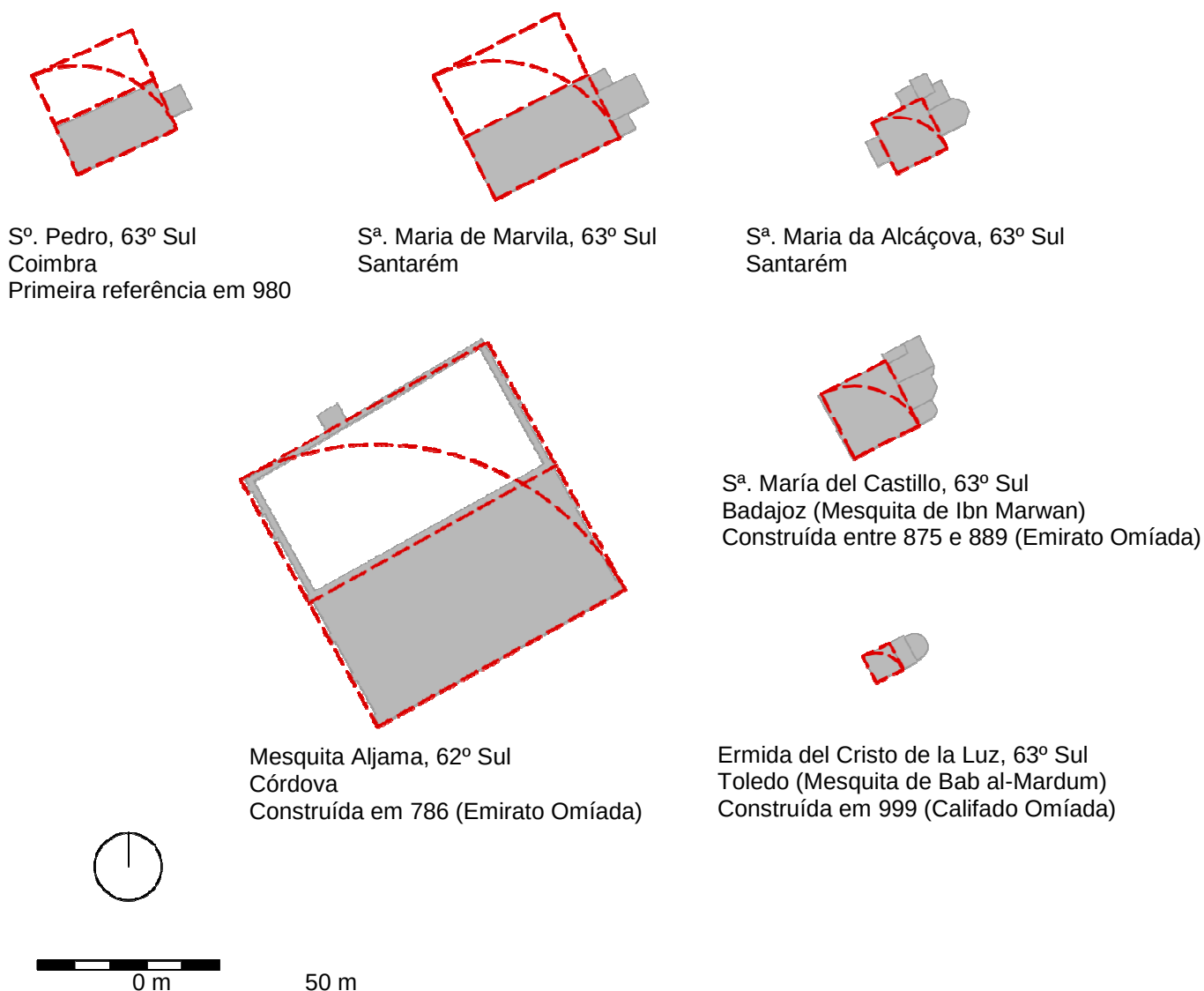


3 – Coimbra antes das intervenções da década de 1940, destacando as muralhas da cidade e a Igreja de S. Pedro
Elaboração própria

As mesquitas representavam o principal símbolo político e religioso da ocupação islâmica, sendo a sua apropriação e conversão em igrejas comum na época. O ritual de conversão do edifício adoptava muitas vezes um carácter triunfalista simbolizando a conquista definitiva da cidade e o apagar da identidade muçulmana. A estrutura das mesquitas, convenientemente vazia de iconografia, era frequentemente mantida praticamente inalterada para além da alteração do eixo principal do edifício de Sudoeste para Noroeste e do acrescento pontual de elementos de simbologia cristã (Harris, 1997). Estes edifícios mantiveram-se em vários casos praticamente inalterados durante centenas de anos, substituindo-se apenas quando a sua estrutura se apresentava já muito degradada, como no caso de Toledo desde a conquista em 1085 até 1226, em Sevilha desde 1248 até 1401 ou ainda a igreja de S. Julião em Lisboa desde 1147 até 1241 (Silva, 2013)).

Considerando as várias descrições que referem a cristianização do templo islâmico, tomou-se como ponto de partida o estudo das mais antigas igrejas existentes no interior da cidade, utilizando-se para a análise a cartografia existente antes das demolições realizadas nos anos 40. Destes edifícios destaca-se a desaparecida igreja de S. Pedro, cuja orientação de 63° Sul, teria uma discordância substancial até mesmo contrária ao tecido urbano envolvente. Por outro lado, a sua localização também merece nota ao estar situada no interior do que se pensa ser a Alcáçova, próxima do Alcácer e da Rua Larga. Infelizmente o edifício foi demolido nos anos 40, tendo-se recuperado das demolições vários elementos identificados como Visigodos ou Moçárabes (Rossa, 2001: 251-252) mas que talvez pudessem ser originários da antiga mesquita.

3.2.4 Enquadramento Tipo-Morfológico



4 – Comparação tipo-morfológica entre a Igreja de S. Pedro e outras Igrejas ou Mesquitas

Recorrendo ao enquadramento Tipo-Morfológico é evidente a semelhança existente entre a orientação da desaparecida igreja de S. Pedro e as igrejas de S^a Maria de Marvila (da qual temos descrições mencionando a sua construção sobre a mesquita Aljama) e S^a Maria da Alcáçova ambas na cidade de Santarém. É ainda possível comparar esta orientação particular com várias mesquitas peninsulares como a de Ibn Marwan em Badajoz conhecida arqueologicamente (Valdés Fernández, 1999), ou a de Mesquita de Bab al-Mardum em Toledo. Por outro lado o desenho das plantas da igreja de S. Pedro em Coimbra ou de S^a Maria de Marvila em Santarém são, excluindo a cabeceira, compostas a partir da secção mediana de um quadrado. Este tipo de desenho é comum em várias mesquitas, que seguindo uma planta quadrada reservam metade do espaço para o pátio e a outra metade para o edifício de culto, tal como as mesquitas de Córdoba e Saragossa exemplificam.

Seguindo esta planta hipotética podemos deduzir que a fachada da mesquita de Coimbra estaria orientada a norte ou seja sobre antiga Rua Larga e não sobre a sua travessa como apresentaria a igreja. Esta orientação pode explicar os vários vestígios identificados como pertencentes à igreja descobertos na demolição de edifícios na Rua Larga ou inclusive a localização da antiga torre sineira, talvez o antigo minarete, também na mesma zona.

4 CONCLUSÃO

Em conclusão, através dos dois exemplos descritos no artigo é possível demonstrar a viabilidade da metodologia proposta como um mecanismo de interpretação da cidade, testando na aplicação da mesma como a articulação e a comparação das várias fontes permite a interpretação de vários elementos dispersos e possibilita através dos mesmos a construção de novas hipóteses sobre a forma da cidade em determinados períodos do seu passado.

Por outro lado é também demonstrada a capacidade que, grandes estruturas de suporte topográfico como o caso dos muros laterais do Cardo romano preservados na Rua do Quebra Costas, ou edifícios de valor simbólico e religioso como a Mesquita transformada em Igreja de S. Pedro, têm para se perpetuar no tempo, condicionando a forma da cidade até à contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. D. 2008. *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

CANIGGIA, G. & MAFFEI, G. L. 1979. *Composizione architettonica e tipologia edilizia, 1. Lettura dell'edilizia di base*, Venezia, Marsilio.

CARVALHO, P. 2010. *Caminhando em redor do forum de Aeminium*. Em T. NOGALES BASARRATE, *Studia Lusitana 4 -Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. (69-88).

CARVALHO, P. 1998. *O forum de Aeminium - A busca do desenho original*, Instituto Português de Museus.

DIAS COELHO, C., 2002. *A Complexidade dos Traçados* (Tese de Doutoramento em Urbanismo, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa).

HARRIS, Julie. 1997. *Mosque to Church Conversions in the Spanish Reconquest*. *Medieval Encounters* nº3. (158-172).

MARTINS, M. 2009. *Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo*. Em, Do Castro á Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea. Lugo: Deputacion de Lugo. (181-212).

MANTAS, V. G. 1992, *Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium*, Biblos, 68.

MURATORI, S. 1964. *Studi per una operante storia urbana di Roma*, Roma, Consiglio Nazionale delle Ricerche.

SILVA, Manuel. 2013. *São Julião: Uma freguesia marítima de Lisboa (1147-1294)*.Lisboa, Revista Rossio nº0. (8-27).

PIMENTEL, António Filipe. 2003. *A morada da sabedoria*. (Tese de doutoramento em História), Coimbra, Universidade de Coimbra.

RIBEIRO, M. 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana* (Tese de doutoramento em Arqueologia), Braga, Universidade do Minho.

ROSSA, W. 2001. *Diversidade: urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade* (Tese de Doutoramento em Arquitectura), Coimbra, Universidade de Coimbra.

ROSSI, A. 1965. *L'architettura della città*.

VALDÉS FERNÁNDEZ, Fernando. 1999. *La mezquita privada de "Abd Al-Rahman Ibn Marwan al-Yilliqi en la Alcazaba de Badajoz*, CuPAUAM: Cuadernos de Prehistoria y Arqueología 25.2. (267-290).